



Heróis e educadores: duas oficinas educomunicativas desconstruindo estereótipos

Marciel A. Consani
Natália Sierpinski

1. INTRODUÇÃO

O presente relato se ocupa de duas oficinas vivenciais desenvolvidas no âmbito do curso de Licenciatura em Educomunicação entre os anos de 2013 e 2014, as quais utilizaram a linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQs). As duas vivências foram dirigidas para públicos distintos, sendo uma, voltada para educadores e outra, para jovens estudantes — mas sempre no âmbito das práticas educacionais.

Cabe ressaltar que a importância das HQs, enquanto objeto de estudo da Educomunicação, deriva do fato de que elas, longe de serem apenas formas de entretenimento, pertencem ao universo midiático da comunicação contemporânea e, também, se constituem numa poderosa fonte de narrativas dada sua disseminação junto às várias gerações de leitores e também por suas possibilidades intertextuais, largamente exploradas pelo audiovisual, pela literatura, o teatro e outras formas de expressão contemporâneas. Além disso, as HQs refletem a visão de mundo manifesta por seus criadores e são concebidas dentro dos conceitos, convicções e estereótipos da sociedade em que estão inseridas (VIANA, 2011).

De nossa parte, vale ressaltar que as possibilidades educativas inerentes a esta mídia ainda foram muito pouco exploradas pelos educadores, ato que justifica, em grande medida, o objeto deste relato¹.

Nosso texto está dividido em três seções principais, sendo que, na primeira abordaremos a pertinência e a importância das HQs enquanto interface educacional. A segunda seção consistirá no relato propriamente dito das oficinas ministradas, as quais, observaram uma abordagem educacional, de modo a fomentar os debates sobre as produções feitas pelos próprios participantes, numa dinâmica de relação horizontal (entre pares) e partindo da leitura deles acerca do material produzido. Vale ressaltar, também, que o processo de produção utilizou como material o suporte midiático impresso, na forma de revistas diversas, o que contribui de forma significativa para uma posterior leitura acerca da mídia

1 Em tempo: esta linguagem específica vem sendo explorada por um grupo de estudos em fase de consolidação que se reúne, presencialmente, desde o ano de 2013, além de compartilhar suas ações e se articular por meio da rede social Facebook.

enquanto discurso. A terceira seção tratará do aprofundamento das perspectivas que tais vivências, breves mais intensas, apontam para a Educomunicação no que se refere ao emprego das HQs em projetos pedagógicos dentro dos espaços da educação formal/escolar e, principalmente, na formação de educadores.

Ao final, expressaremos algumas considerações sobre as dificuldades encontradas no processo de produção/reflexão midiática junto aos participantes e os possíveis aportes que as vivências trouxeram a práxis educacional.

2. A EDUCOMUNICAÇÃO E OS QUADRINHOS

A Educomunicação, objeto de estudos preferencial do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP (NCE)², assenta suas bases num conjunto de práticas vivenciais semelhante àquela descrito por KAPLÚN (2002).

Tais práticas seriam orientadas pelos princípios de elaboração colaborativa e coletiva dos participantes em ações educativas comunitárias. Essas ações resultariam em produções midiáticas que, embora referenciadas dos formatos midiáticos “clássicos” (radiofonia, linguagem televisiva, jornal), extrapolariam os limites funcionalistas inerentes à comunicação que se orienta para o mercado e visa a manutenção do **status quo** social hegemônico.

Esta abordagem inicial já apontava o perfil das ações educacionais, pautadas na reflexão crítica concomitante à produção de conteúdo, tendo se disseminado ao longo de mais de duas décadas (desde o início dos anos 1970), até ser re-semantizado por uma extensa pesquisa levada a cabo pelo NCE e denominada “O Perfil do Educador”. Ela pode ser apreciada no relato de SOARES (2011):

Para comprovar as hipóteses levantadas a respeito da presumível emergência do campo de inter-relação comunicação/educação, a equipe do Núcleo de Comunicação e Educação — NCE realizou uma pesquisa cujos instrumentos investigatórios foram: aplicação de questionário exploratório junto a uma amostragem significativa (400 questionários respondidos por 178 especialistas de 12 países do continente); entrevistas com 25 especialistas latino-americanos de reconhecido renome, além da

2 Trata-se de uma instância caracterizada como núcleo de extensão ligada à Escola de Comunicações e Artes da USP e que se dedica a identificar e estudar as interfaces sociais entre Comunicação e Educação, principalmente para sustenta projetos de intervenção pedagógica no âmbito das políticas públicas.

promoção de workshops, seminários e de congressos para coleta de dados posteriormente incorporados ao trabalho. (Soares, 2011, 27-28).

Talvez por conta desta genealogia, tributária da vertente de Leitura Crítica dos Meios e da abordagem jornalística e radiofônica predominante nas ações dos educadores, as pesquisas acadêmicas e, mesmo os projetos educativos referenciados na Educomunicação, até muito recentemente, não haviam demonstrado um interesse especial pela linguagem das HQs.

Entretanto, a presença cada vez maior de professores interessados em introduzir os quadrinhos na sala de aula e a demanda crescente que os docentes manifestam por uma “alfabetização quadrinística” (VERGUEIRO, 2004, 31), mais do que justificam o interesse da Educomunicação e de seu projeto de inserção social enquanto política pública.

A seguir, nos ocuparemos da descrição das oficinas que se constituem em objeto do nosso relato.

3. O RELATO DAS OFICINAS

3.1. A Oficina “(Des) Construindo Heróis”

A primeira oficina, denominada “(Des) Construindo Heróis” foi elaborada durante a disciplina de “CCA0299-Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais II”³, obrigatória no segundo semestre do curso de Licenciatura em Educomunicação na Universidade de São Paulo. Ela foi fruto do trabalho final em grupo da disciplina, o qual destinou metade do semestre para a eleição do tema da oficina, definição das referências bibliográficas, planejamento da dinâmica e escolha dos materiais necessários.

Partindo da temática dos super-heróis com enfoque na ideologia da qual eles estão imbuídos, a ideia primordial que regeu a oficina foi a de propor a construção de um super-herói brasileiro e, depois, fazer o contraponto entre este super-herói produzido pelos participantes da oficina e o emblemático personagem das HQs americanas **Capitão América**, de modo que o fechamento da oficina estaria

3 Disponível em <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=CCA0299&codcur=27570&codhab=4>.

pautado na “desconstrução”, tanto da imagem do Capitão América propriamente dito, quanto dos conteúdos ideológicos presentes em suas histórias.

Nos conta MORRISON (2012) que

“Em 1941, Captain America Comics nº1, da Marvel, trouxe um super-herói pioneiro cuja missão era revidar a ameaça “Japanazi” com tudo. Capitão América (Captain America), o maior dos super-heróis patriotas, era uma invenção de uma das maiores duplas criativas dos quadrinhos: Joe Simon e Jack Kirby.” (MORRISON, 2012, 57).

Neste ponto, convém apresentar, também, a definição de alguns termos a que acabamos de nos referir. Assim, por “Ideologia” consideramos a perspectiva marxista definida como “uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta. Em consequência disso, desde o início, a noção de ideologia apresenta uma clara conotação negativa e crítica” (BOTTOMORE, 1983. p. 183-184).

Em adendo, quando mencionamos o procedimento de “Desconstrução” oriundo da obra de Jacques Derrida e que significa a “deposição decomposição de uma estrutura”. Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente (“isso se desconstrói”), e que consiste em “desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante” (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, 10).

A oficina foi ministrada como uma das atividades do “V Encontro Brasileiro de Educomunicação⁴” que ocorreu de 19 a 21 de setembro de 2013. Naquele contexto, já era dado que os participantes conheciam, ainda que parcialmente, o conceito de Educomunicação e estavam lá pelo interesse na vivência educacional “de fato”.

A atividade principiou pela apresentação dos organizadores por meio de uma dinâmica “para quebrar o gelo” e, ao mesmo tempo, introduzir o tema proposto. O mote foi a dupla pergunta, dirigida aos participantes, nos seguintes moldes:

“— Se você tivesse um superpoder, qual ele seria?”

4 Cf. <http://educomunicacao2013.blogspot.com.br/>.

“— Qual era o super-herói/heroína favorito(a)?”

Na sequência, o grupo principal, dividido em dois, foi orientado construir “o que seria para eles o “Capitão América do Brasil, o “Super-Herói Brasileiro”. Para tanto, foi disponibilizado um material constituído por revistas (para recortar), canetas, tesouras, cola e papel. Ao fim do tempo destinado à produção, teve início uma rodada de interpretação cruzada, em que cada grupo tentava descrever os elementos e significados que transpareciam no super-herói do outro grupo. Depois disso, foi oportunizado a cada um dos grupos falar reflexivamente da sua própria produção.

No final a oficina acabou sendo muito mais produtiva, questionadora e reflexiva do que o programado, conciliando a ação educomunicativa dos mediadores com o protagonismo dos participantes no debate, tudo isso, sem que se perdesse o foco nem a temática.

2.2. A Oficina “O Professor que mídia vê”

A segunda oficina foi ministrada no “V Encontro das Licenciaturas” em outubro de 2014. A elaboração e organização desta oficina foram realizadas como atividades vinculadas à disciplina “CCA0301-Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais IV”, não tendo, porém, o caráter de trabalho final.

Ao contrário da primeira oficina, esta não contou com o tempo de meses para elaboração e preparação: tudo teve que ser providenciado no período de duas semanas. Por conta do tempo exíguo, o professor responsável pela disciplina sugeriu que se fizesse uma adaptação a partir de uma oficina que já estava elaborada e que veio a ser, justamente, a já mencionada “(Des) Construindo Heróis”.

Nesta abordagem, manteve-se proposta de gerar o debate partindo da desconstrução de um material elaborado pelos participantes da oficina. Mantendo também o enfoque na ideologia e no conceito de Super-herói, foi proposto aos participantes que construíssem a representação de um Super-professor, uma vez que o tema do V Encontro das Licenciaturas daquele ano foi, precisamente, a formação dos professores.

Ressaltamos, assim, além do contexto diferenciado do evento, duas mudanças significativas operadas nesta segunda oficina: (1) a mudança do tema e (2) a mudança do público, constituído agora por estudantes de licenciatura, em diversas áreas do conhecimento.

A mesma dinâmica inicial foi mantida, ou seja, as duas perguntas motivadoras sobre a natureza do superpoder desejado e sobre a existência de um herói ou heroína preferido. A este início, seguiu-se uma apresentação sucinta do conceito de Educomunicação, suas vertentes e alguns exemplos tangíveis de práticas educacionais.

O passo seguinte foi a proposta de que os participantes construíssem uma representação do que seria um “Super-Professor”. A construção do mesmo foi feita com o mesmo tipo de material da oficina anterior (revistas, tesoura, cola, cartolina, etc.), novamente, com a divisão dos participantes em dois grupos.

Concluída esta etapa, foi solicitado aos participantes que fizessem uma leitura cruzada de suas produções e, em seguida, cada grupo falou de sua interpretação específica do que seria o “Super-Professor”.

Após essa primeira leitura teve lugar uma discussão, na qual seriam apresentadas imagens de professores na mídia impressa (formato “Revista”), e na internet, entre outros suportes, buscando uma leitura mais aprofundada das imagens com a intenção de mostrar como os professores (e seus estereótipos) são representados enquanto personagens na cultura popular: um exemplo seria o do **Professor Xavier dos X-Men**⁵. A ideia era a de se trabalhar os estereótipos presentes naqueles exemplos, ao que se seguiu uma leitura aprofundada e comparativa com as imagens que aparecem quando se pesquisa no buscador **Google** os termos “professor” e “professor inovador”.

Em síntese, a proposta consistiria na obtenção de uma segunda leitura dos “Super-Professores” para analisarmos se houve alguma mudança qualitativa, comparando-se ambas as leituras.

.....
5 Os X-Men, criação de Len Wein aperfeiçoada por Chris Claremont, são um grupo de super-heróis adolescentes reunidos e treinados pelo Professor Xavier, um mutante que, apesar de hemiplégico, possui poderes mentais extremamente desenvolvidos. Pertencem ao acervo da Marvel Comics.

Entretanto, dado que a oficina começou com algum atraso e que, além disso, houve um intervalo inesperado, não sobrou tempo hábil para implementar a segunda parte da oficina, o que limitou a produção reflexiva ao mesmo objeto explorado na primeira oficina descrita no presente artigo: a releitura (ou desconstrução) dos heróis produzidos.

Não obstante, naquela ocasião, consideramos ter avançado um degrau em relação ao objetivo comum das duas oficinas, uma vez que a segunda delas trouxe uma temática e uma proposta de produção mais próximas dos educandos e de seu cotidiano, facilitando um possível reconhecimento e identificação com o universo das HQs. Isso, em contraste com a primeira oficina, na qual o tratamento dedicado ao tema foi mais amplo, resultando em conclusões mais “genéricas”.

Assim, acreditamos que exista uma relação entre a oficina que trouxe um tema mais próximo do repertório individual dos educandos ter sido a que trabalhou melhor a questão midiática sobre as produções.

4. ANÁLISE CONTEXTUAL DAS OFICINAS MINISTRADAS

Faremos aqui, um breve apanhado das observações que consideramos mais pertinentes em relação ao que as oficinas registraram.

Na primeira oficina foi muito interessante como os participantes colocaram várias questões políticas, ideológicas e sociais nos seus super-heróis e como eram comuns as semelhanças entre os super-heróis dos dois grupos. Por exemplo: os dois estavam com os pés no chão, ao invés de estarem voando como um típico super-herói norte-americano como foi comentado durante a dinâmica, pois para eles “o brasileiro é muito pé no chão” e por isso só poderia ser retratado daquela forma.

A questão da miscigenação foi muito forte em ambos os super-heróis também, uma mistura de rostos e cores, traduzindo a ideia de que o Brasil é muito diverso e composto por diversas etnias, sem que se possa eleger um único rosto ou um só tipo físico para representar o Brasil.

O debate fluiu até o final da oficina, pautado na discussão dos super-heróis produzidos pelos participantes, o que foi muito produtivo, tanto por conta da

participação intensa, com opiniões e reflexões, como também pela discussão aprofundada até chegar ao questionamento do que seria, de fato, ser brasileiro e nosso papel social e político na nossa sociedade.

Por outro lado, na segunda oficina, foi interessante notar que as produções não ficaram parecidas entre si e nem tiveram tantos pontos convergentes. Um dos grupos acompanhados durante a produção chamou muito a atenção pelas indagações que uma participante fazia enquanto montava seu Super-Professor. Em dado momento, ela recortou um homem branco que se encaixa nos padrões atuais que a mídia passa do que é um homem muito bonito, e disse que o Super-Professor deveria ter essa característica.

Ainda que esse recorte não tenha sido usado depois, as indagações da mencionada participante em relação ao material midiático (revistas) disponibilizado para a atividade continuaram, pois, a educadora queria passar a ideia de que um professor “Super” deveria atender a todos os tipos possíveis de aluno. Assim, ela procurava imagens de alunos brancos, negros, indígenas e uma maior diversidade étnica e cultural, aliás, extremamente difícil de se encontrar nas revistas, as quais só continham imagens de crianças brancas.

Um último ponto interessante em relação ao processo de produção evidenciado por esta participante é a de que ela só encontrou imagens que fugiam do estereótipo étnico hegemônico em uma revista denominada **Viração**⁶, a qual se trata, justamente, de uma publicação com assumida orientação educacional, que se reflete nas suas matérias e discussões, as quais vão além do que é apresentado nas mídias “hegemônicas”.

No final, da mesma forma como ocorreu na primeira oficina, as produções evidenciaram inúmeros estereótipos e a presença de ideologias que buscam mostrar à sociedade o que se espera de um “Super-Professor”.

Este, em suma, (a) seria superinteligente, (b) transformaria a vida de seus alunos, (c) saberia lidar de forma exemplar com os meios de comunicação e, por fim, (d) não admitiria de forma alguma o fracasso escolar, tema bastante lembrado ao longo da oficina.

6 Cf. <http://www.viracao.org/>.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cômputo geral, podemos dizer que ambas as oficinas problematizaram conceitos muito importantes do ponto de vista educacional, incorporando em sua proposta determinados temas e abordagens como geradores de uma produção reflexiva por parte dos educandos, o que assegurou espaço para o desenvolvimento de seu protagonismo, concomitante com a análise crítica das mídias envolvidas.

A primeira oficina demonstrou muito mais resultados qualitativos em relação à vivência educacional, pois demandou dos mediadores uma percepção e uma adaptação que só poderiam ter acontecido naquele momento de prática, em que a oficina tomou um caminho diferente do que estava previsto. Entretanto, isso não foi recebido de forma negativa, mas, demonstrou o quanto uma oficina educacional tem que ser maleável, sem nunca se fixar num formato completamente fechado.

A segunda oficina trouxe, de forma muito mais forte do que a primeira, a questão midiática em relação ao material que disponibilizamos — revistas semanais — e se destacou pelas indagações dos participantes em relação às imagens recorrentes (e também às imagens ausentes) retratando diversidade ético-racial, por exemplo.

Em nossa opinião, isto releva o papel da escolha das mídias impressas em ambas as oficinas: do contrário, poderíamos apenas instar os participantes a desenharem o **Capitão Brasil** e o **Super-Professor**. Assim, essa produção partindo de suportes midiáticos pré-existentes fez jus traz à tradição da leitura mais crítica da mídia, que compõe o “DNA” da Educação.

Note-se o quanto esta idealização da figura do professor remete aos anseios projetados na grande mídia sobre a multiplicidade de atributos e o grau de abnegação que deles se espera. A diferença entre este ser “mitológico” e a realidade facilmente apreciável faz refletir sobre a necessidade de grandes mudanças no âmbito da educação. Isso diz respeito à própria consciência da categoria profissional sobre suas responsabilidades, direitos e condições necessárias para exercer ambas as prerrogativas.

É neste sentido que esperamos contribuir significativamente com a exposição

de nosso relato, desejando que outras vivências similares ocorram e sejam compartilhadas.

6. REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1983.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã...diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KAPLÚN, Mário. **Una Pedagogia de la Comunicación: El Comunicador Popular**. La Habana, Editorial Caminos, 2002.

MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo, Seoman, 2012.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo, Paulinas, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Uso das HQs no ensino**. In RAMA, A. e VERGUEIRO, W. (Orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo, Contexto, 2004.

VIANA, N. **Breve História dos Super Heróis**. In VIANA N. & REBLIN, Iuri A. Super-Heróis, Cultura e Sociedade. Aparecida, Editora Ideias & Letras, 2011.

•• AS AUTORAS ••

Marciel A. Consani é Professor Doutor do Centro de Comunicação e Artes da ECA-USP. E-mail: mconsani@usp.br.

Natália Sierpinski é Graduanda do curso de Licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA/USP. E-mail: natalia.sierpinski@usp.br.